



**FUNDAÇÃO UNIVESIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO  
DO SUL UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE UNIDADE DE JARDIM-  
MS**

**CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS**

**ROSILENI GONÇALVES DE SOUZA**

**O realismo afetivo em *Raízes do Pantanal*, de Augusto César Proença.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**2018**

**ROSILENI GONÇALVES DE SOUZA**

**O realismo afetivo em *Raízes do Pantanal*, de Augusto César Proença.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim - MS, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras- inglês.

Orientador: Prof. Dr Paulo Eduardo Benites de Moraes.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**2018**

SOUZA, Rosileni Gonçalves de.

*O realismo afetivo em Raízes do Pantanal, de Augusto César Proença./Rosileni Gonçalves de Souza./Jardim, MS: UEMS, 2018.*

Monografia (Graduação) – Letras-Português/Inglês  
– Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2018.

Orientador: Prof. Me. Paulo Eduardo Benites de Moraes.

1.Literatura regional. 2 Raízes do Pantanal. 3 Realismo Afetivo.  
4 Regionalismo.

ROSILENI GONÇALVES DE SOUZA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO  
DO SUL

CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS – INGLÊS

**O REALISMO AFETIVO EM RAIZES DO PANTANAL, DE  
AUGUSTO CÉSAR PROENÇA.**

---

Orientador: Prof. Dr PAULO EDUARDO BENITES DE MORAES

**Aprovado em : \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /**

---

Prof. Dr Alexandre Luís Gonzaga  
Gama

UEMS/ Jardim

---

Prof. Dr Anailton de Souza

UEMS/ Jardim

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, que me deu força e coragem para vencer todos os obstáculos e dificuldades enfrentadas durante o curso, que me socorreu espiritualmente, dando-me serenidade e forças para continuar.

A meus pais, José e Aparecida que, no decorrer da minha vida, proporcionaram-me, além de extenso carinho e amor, os conhecimentos da integridade e da perseverança, gratidão a vocês.

Um agradecimento especial aos meus queridos irmãos, Rozângela, Rosileide, Rosinéia, Jose Aparecido e Rosicléia, que permaneceram sempre ao meu lado, nos bons e maus momentos.

As Minhas filhas, Vanessa e Vivian, luz da minha vida, que tiveram a paciência de conviver com minha ausência, certos do meu amor, me iluminando de maneira especial em cada conquista,

Ao meu esposo, Arnaldo, por toda compreensão e apoio durante minha graduação.

A minhas amigas, Katielly e Mariane, obrigada por estarem sempre comigo me apoiando e incentivando, amo vocês.

Ao meu orientador Prof. Me. Paulo Eduardo Benites de Moraes, pela paciência que sempre teve comigo, pelo incentivo e contribuição para a realização desse trabalho.

A banca examinadora, professores doutores Anailton e Alexandre, obrigada por toda a contribuição e carinho com que corrigiu meu trabalho.

A todos aqueles que contribuíram para esta imensa felicidade que estou sentido nesse momento.

A todos vocês, meu muito obrigada.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance *Raízes do Pantanal*, de 1989, escrito por Augusto César Proença (1937 - ), que conta a saga de uma família, que devido as enchentes, saem em viagem para ocupar a parte sul do Pantanal, mostrando o conflito do homem com as matas e os animais selvagens, a influência das águas, dos períodos de estiagem e as histórias contadas pelos velhos vaqueiros, elementos sólidos da cultura regional pantaneira. Neste romance, a maior preocupação do escritor é enaltecer os aspectos locais, os mitos e as lendas da região. Para chegar ao nosso propósito, fizemos uma pesquisa bibliográfica, com base nas literaturas obtidas em livros e artigos provenientes de bibliotecas convencionais e virtuais.

Palavras-chave: Literatura regional; *Raízes do Pantanal*; Realismo Afetivo; Regionalismo.

## **ABSTRACT**

The present work aims to analyze the novel *Raízes do Pantanal* (1989), written by Augusto César Proença (1937 -), which tells the saga of a family that, due to the floods, set out to occupy the southern part of the Pantanal, showing the man's conflict with the forests and wildlife, the influence of the waters, the dry periods and the stories told by the old cowboys, solid elements of the Pantanal's regional culture. In this novel, the writer's greatest concern is to extol local aspects, myths and legends of the region. To reach our purpose, we did a bibliographical research, based on the literature obtained from books and articles from conventional and virtual libraries.

**Keywords:** Regional literature; Roots of the Pantanal; Affective Realism; Regionalism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>11</b>
1.1O REALISMO NA LITERATURA: HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO ..	11
1.2 O REALISMO COMO uma abordagem estética .....	15
<b>2 CAPÍTULO II .....</b>	<b>19</b>
<b>2 A LITERATURA REGIONAL DE MATO GROSSO DO SUL E O CONSTRUCTO DO REAL.....</b>	<b>19</b>
2.1 Raízes do Pantanal e o realismo afetivo .....	22
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>Referências.....</b>	<b>30</b>



## INTRODUÇÃO

Existe uma grande discussão acerca do realismo na literatura, desde meados do Século XVIII até os nossos dias. O termo realismo é um dos mais complexos de se definir dentro da tradição da teoria da literatura, uma vez que a sua apresentação sempre se dá de modos heterogêneos. Muitas vezes já se decretou o esgotamento deste conceito, todavia, percebemos que ele renasce de outras maneiras. Um exemplo desse debate aconteceu com o surgimento das vanguardas, cujas discussões acarretaram para o conceito de realismo um sentido de conservadorismo. Nossa proposta, ao contrário dessa visão, é pensar que o conceito de realismo não está esgotado e reaparece com força na literatura brasileira contemporânea suscitando novas interrogações.

Desse modo, o caminho construído nesse trabalho segue um viés histórico-teórico para se pensar como o realismo tem se apresentado na literatura brasileira contemporânea. Para tanto, o trabalho da pesquisadora Tânia Pellegrini (2007, 2012) servirá de apoio para construirmos as bases teóricas nas quais se pode pensar os modos como a narrativa brasileira tem arquitetado o realismo. O *corpus* selecionado para o estudo é o romance *Raízes do Pantanal*, de Augusto César Proença. Essa obra traz uma construção do realismo a partir do espaço do Pantanal, elemento que sustenta todo o imaginário da narrativa. Chama a atenção a fuga do narrador em manter-se somente na descrição referencial do espaço, abrindo-se a outros modos de se construir o realismo.

Dentre os modos de construção do realismo, o conceito de realismo afetivo, cunhado por Karl E. Schollhammer, surge como um conceito pertinente para entendermos a obra em questão. O realismo afetivo une fatos reais, não somente como representação, mas também levando em consideração a afetividade envolvida entre os personagens. Augusto Proença cria uma obra no campo da experiência, transformando o real referencial em espaço literário cujas afetividades se manifestam como recurso narrativo.

Para efetivar a leitura aqui proposta, o trabalho segue a seguinte configuração, no primeiro capítulo será abordado o realismo enquanto real, os

conceitos do realismo e o real na literatura enquanto uma atitude artística que consiste em tomar como sujeito a realidade do mundo que o rodeia, querendo representá-lo como é, sem ideal, isto é, retratar a sociedade em todas as suas formas e aspectos cotidianos sem se limitar aos aspectos mais "nobres".

No segundo capítulo este trabalho discorrerá sobre o realismo na literatura regional abordando o desenvolvimento do conceito de regionalismo na literatura em especial, realizar uma discussão em torno da literatura de MS mostrando como o real (ismo) aparece na literatura de MS na obra Raízes do Pantanal, de 1989, escrito por Augusto César Proença (1937 -), numa reflexão acerca do realismo afetivo na literatura regional de Mato Grosso do Sul.

Por fim, este trabalho fará uma análise da obra Raízes do Pantanal, de 1989, escrito por Augusto César Proença, numa reflexão acerca do realismo afetivo na literatura regional de Mato Grosso do Sul.

## CAPÍTULO I

### 1.1 O REALISMO NA LITERATURA: HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO

O realismo pode ser observado como uma estética literária e como método; o primeiro é referente a um momento específico da história da literatura, segunda metade do século XIX, que prima pelo pensamento objetivo e científico e pelo uso da razão. Surgiu na França, em 1857, com a publicação de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1821-1880); e, em 1867, com a publicação de *Thérèse Raquin*, de Émile Zola (1840-1902), instalou-se o naturalismo, "metamorfose avançada da estética realista", segundo Moisés (1986, p. 32), e ainda, há de se diferenciar realismo de naturalismo.

A principal diferença é cronológica; os romances naturalistas são posteriores aos realistas, não só na França como também em Portugal: o primeiro romance realista, *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós (1845-1900), foi publicado em 1875; o naturalismo, por sua vez apresenta, sua primeira obra, *O barão de Lavas*, de Abel Botelho (1855-1917), em 1891.

Segundo o estudo proposto por Pellegrini (2007, pp. 137-155), ao tratar de "postura e método do realismo", discute-se que a base ideológica aparece antes, como preparação e fonte de argumentação; no naturalista está antes e durante, assim como pontua Sussekind (1984, p. 39 *apud* Pellegrini 2007, pp. 137-155) "uma espécie de sublitteratura que contribui para o ocultamento da dependência e da falta de identidade próprias ao Brasil"; assim o primeiro procura ver esteticamente os problemas sociais; o segundo, cientificamente.

É preciso entender também que o realismo vem inserido num contexto sócio-político-econômico-filosófico-científico próprio, revoluções sociais, novas filosofias, o "identificismo", o aparecimento de várias correntes científico-filosóficas como o positivismo de Auguste Comte (1798-1857); o determinismo, criado por Hippolyte Taine (1828-1893); e o darwinismo, de Charles Darwin (1809-1882).

Tornou-se uma tendência em relação ao fato artístico (literário, escultórico e pictórico principalmente) que valoriza a semelhança ou correlação entre as formas de representação estética e a própria realidade que as inspira, ou seja, que valoriza a similaridade da obra de arte com o mundo real.

Em muitas áreas, essa doutrina também é chamada de "naturalismo", uma vez que aspira à reprodução da natureza do mundo e geralmente se opõe em grande medida ao abstracionismo, ao neoclassicismo, ao idealismo ou, no caso da literatura, à impressão subjetiva do romantismo e outras escolas semelhantes.

O realismo predominou em diversas ocasiões ao longo da história da arte, e observa-se que o mesmo é aplicado atualmente às formas mais jovens de expressão, como cinema ou fotografia. Em geral, o realismo está associado a uma doutrina do pensamento secular, empírica e não cotidiana.

A abordagem realista da arte propõe um olhar mais centralizado sobre o homem e sua existência mundana até mesmo no dia a dia, em geral aborda os temas mitológicos, religiosos, fantásticos e oníricos contrários à doutrina realista, muito mais comprometida com o pensamento esclarecido e, portanto, com a denúncia social e política.

Essa mesma aspiração de reproduzir o real tende a exigir níveis de detalhamento e precisão que reforçam o efeito da realidade obtida pela obra, embora essa técnica também possa ser utilizada na representação de temas e figuras fantásticas.

Realismo pode ser encontrado em vários estágios de arte humana, mesmo em tais formas antigas como as pinturas rupestres das cavernas de Altamira, onde bisões pré-históricos foram pintados em toda a sua complexidade de detalhes, mesmo tomando a forma de pedras para dar ao espectador um sentimento tridimensional da realidade.

Isto também está presente em numerosas formas da antiga escultura grega e romana, bem como em certa pintura medieval que, herdeira dessa tradição, procurou representar o sofrimento de seus santos e mártires da maneira mais realista possível.

O realismo literário moderno nasceu do surgimento e expansão do romantismo no século XIX, opondo o lado iluminado e racionalista que prevaleceu no momento e gerando uma escola artística oposta, que rejeita o exotismo e historicismo, por vezes, mitológica que eram tão comuns para os românticos alemães e Inglêss.

Essa escola seria conhecida como realismo e empreenderia a busca da arte na vida cotidiana do homem, nos intrínsecos conflitos de classe da revolução industrial e da nascente sociedade capitalista.

Estas escolas artísticas do século XIX, de tal estilo realista marcante, coincidiram na exploração dos costumes regionais com certo nacionalismo que emergiu na Europa do século, e que viu na invenção da fotografia sua mais alta expressão possível de fidelidade com o real: a possibilidade de capturar a vida real em uma imagem.

É um movimento que mostra de forma crítica a realidade do mundo capitalista e suas contradições. O ser humano é retratado em suas qualidades e defeitos, muitas vezes vítima de um sistema difícil de vencer. Seus principais representantes são, na França, além de Flaubert e Zola, Honoré de Balzac (1799-1850), Alexandre Dumas, pai (1802-1870) e Alexandre Dumas, filho (1824-1895).

Na poesia destacam-se Arthur Rimbaud (1854-1891) e Charles Baudelaire (1821-1867), que oferece a interpretação do realismo na poesia com o movimento conhecido como simbolismo e dá início ao processo de modernização da poesia. Moisés (1986, p. 263) explica que em 1886 Jean Moréas (1856-1910) publicou no *Le Figaro Littéraire* o artigo/manifesto *Un tnanifeste littéraire*, no qual definiu, pela primeira vez, o termo simbolismo, substituindo o decadentismo (os decadentes são os seguidores de Baudalaire): "inimiga do ensinamento, da declamação, da falsa sensibilidade, da descrição objetiva, a poesia simbolista procura vestir a ideia duma forma sensível."

Na Inglaterra, o realismo encontra seus representantes em Charles Dickens (1812-1870) e nas irmãs Charlotte Brontë (1816-1855) e Emily Brontë (1818-1848); na Rússia, Fiódor Dostoiévski (1821-1881) e Lean Talstói (1828-1910); nos Estados Unidos, Mark Twain (1835-1910); em Portugal, Eça de Queirós, Cesário Verde (1855-1886), Antero de Quental (1842-1891), Eugênio de Castro (1869-1944) e Camilo Pessanha (1867-1926), sendo estes dois últimos também simbolistas; e, no Brasil, temos nosso maior talento literário, Machado de Assis (1839-1908) e, entre os naturalistas, Aluísio de Azevedo (1857-1913).

## 1.2 O REALISMO COMO UMA ABORDAGEM ESTÉTICA

Na literatura o realismo é uma atitude artística que consiste em tomar como sujeito a realidade do mundo que o rodeia querendo representá-lo como é, sem ideal e por trás desse olhar lúcido sobre os homens esconde-se uma crítica ao estado das relações sociais, através do tratamento de temas típicos: o fracasso de uma ascensão social, a impossibilidade do amor, o choque de classes etc.

A etimologia do "realismo" atesta a vontade dos escritores dessa corrente literária de retornar às próprias coisas que fazem a sociedade, a uma visão realista dos homens de quem falam.

O realismo vem realmente do latim, relativo às coisas materiais, que é um derivado de "res", que significa "coisa" (que se encontra em res publica, a república, isto é a coisa pública).

O "momento realista" é precedido pelo Romantismo, movimento literário europeu caracterizado por um forte lirismo, isto é, a exaltação do "eu", os humores do indivíduo, a celebração do sentimento contra uma razão secante, a encenação dos tormentos da alma, buscando refúgio na natureza e no exotismo ou no fervor religioso.

Schollhammer (2012, p. 139) constrói um panorama das formas do real na narrativa brasileira recente e, mobilizando aspectos que compõem a experiência do real como trauma ou a noção de performance, apresenta como conclusão, uma definição de estética do afeto, em que:

Na prosa contemporânea o impacto afetivo não surge em decorrência do supérfluo dentro da descrição representativa, senão em consequência de uma redução radical do descritivo, de uma subtração na estrutura narrativa da construção sintática de ação e da preeminência da oralidade contundente do discurso em procura do impacto cruel da palavra-corpo. (SCHOLLHAMMER, 2012, p. 139)

No contexto da literatura brasileira, a existência de um realismo nas últimas décadas coloca em questão não apenas a natureza do conceito, mas também o seu modo de realização, o que depende de uma visada diacrônica

que leve em conta as nuances formais e temáticas do que se entendeu por realista em outros momentos.

O autor destaca as principais linhas de força das diferentes tendências de ficção e observa a necessidade de particularização do que se entende por realismo no conjunto dessa produção. Sob esse aspecto, há de se destacar a recorrência, na exegese crítica sobre o assunto, de uma diferenciação entre técnica e conteúdo ou, se assim se preferir, a dimensão ética, ou o intento, comum ao realismo de todos os tempos, de construção de uma perspectiva crítica da realidade nacional, do domínio estético, já que os recursos formais estariam naquilo que define a forma contemporânea em relação às suas antecessoras.

Prefere-se uma busca da verdade universal e impessoal e o interesse por fatos observáveis, isto é, o que pressupõe uma base científica, revelando o condicionamento do homem ao meio físico e social. Tem-se a obra literária como arma de combate, de reforma e ação social, que deixou de ser a "arte pela arte" para ser uma arte comprometida. Assiste-se ao advento do romance de tese ou romance experimental, uma tentativa de provar certas teorias, demonstrando a procedência de uma tese defendida pela ciência, como ao mostrar o determinismo para caracterizar certas personagens que, vivendo em tal meio ou circunstância e carregando uma carga genética, necessariamente teriam de se comportar do modo determinado pelo meio.

Desde os tempos antigos até as tentativas de vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. O que? Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representa-lo por palavras que há uma história da literatura. Que o real não seja representável, mas somente demonstrável, pode ser dito de várias modos: quer o definamos, como Lacan, como o impossível, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem). (BARTHES, 1971)

De acordo com Barthes (1971), a ilusão é um efeito causado pelo real e não pela realidade, esse autor focava nas discussões sobre as ligações entre as obras literárias, entre fatos e ideias, sobre o que é real, desde a



criação até os fundamentos de gênero e a opinião pública. A escrita aparece com um entendimento mimético da realidade (ou do real). Os textos de Barthes (1971) nos levam à uma reflexão dos problemas de realismo e realidade via literatura.

O realismo afetivo é um estudo proposto pelo autor e estudioso Schollhammer (2012, pp. 129-148) que abrange a ideia de “que o efeito sensível e afetivo da imagem se sobrepõe à significação do conteúdo representado”, assim, significa ver o relacionamento como ele é, sem distorções ou ilusão.

Com base no conceito do autor, o afeto é um polo temporalmente fraco e sobrecarregado de sentimentos, humores e outras sensações cujas fontes e localizações são indeterminadas; trata-se de denotar a presentidade como uma consciência dos sentidos e dos estados físicos que não se limitam a corpos particulares.

A temporalidade é explicitamente o foco central onde se identifica uma solução insolúvel do realismo entre dois impulsos: o impulso narrativo (equacionado aqui com o recital) e uma pressão contrária produzida por todos aqueles aspectos do romance que querem adiar o progresso da narrativa, seu movimento passado-presente-futuro, em favor de um apresentação prolongada e dilatadora.

Podem-se prever várias das características romanescas sob as duas temporalidades: a irrevogabilidade dos protagonistas, seus destinos, suas emoções e motivações definíveis, desenvolvimento, causação e a ascensão e a queda da ação plotada pertencem ao modo da narrativa, ou narração. O realismo não só contém estas características contrastantes e concorrentes, mas também é uma consequência da tensão entre estas.

No entanto, o nomeiam como estado penetrante, impessoal e de sentimentos físicos coletivos, no qual a fisicalidade do presente-come-afeto no realismo prende ao tempo humano secular ao “cotidiano”:

O desafio literário se coloca, assim, em termos de uma “estética do afeto”, em que entendemos o afeto como o surgimento de um estímulo imaginativo que liga a ética diretamente à estética. Se o Realismo histórico é um Realismo representativo, que vincula a mimesis à criação da imagem verossímil, ou ao efeito chocante ou

sublime da sua ruptura, o realismo afetivo, por sua vez, se vincula à criação de efeitos sensíveis de realidade que, nas últimas décadas, alcançam extremos de concretude que levou teóricos a falar de uma “volta do real” ou de “paixão do real”. Nas perspectivas de leitura aqui comentadas, o objetivo era entender as experiências performáticas que procuram na obra a potência afetiva de um evento e envolve o sujeito sensivelmente no desdobramento de sua realização no mundo. (SCHØLLHAMMER. 2012, P. 145.)

Conforme explica Schollhammer (2012, p. 144): “os aspectos afetivos e performativos pertencem à experiência estética da literatura em geral e de maneira alguma são privilégios exclusivos da literatura realista”.

A disputa entre o arranjo passado-presente-futuro do retorno e este tipo diferente de presente como afeto define o realismo, no qual demonstra o ser humano como ele realmente é e, por isso, ele deve assim permanecer, sem solução.

No realismo afetivo o afeto não é, com certeza, uma questão de mera sensação, e nunca é de subjetividade emocional individual; de fato, diversos autores fazem grandes esforços para distinguir entre emoção pessoal e afeto definíveis.

## 2 CAPÍTULO II

### 2 A LITERATURA REGIONAL DE MATO GROSSO DO SUL E O CONSTRUCTO DO REAL

Mato Grosso do Sul é um estado criado em 11 de outubro de 1977, a partir da divisão com o estado de Mato Grosso. Algumas das principais obras literárias dos autores pertencentes ao estado foram redigidas e publicadas justamente neste período de transição histórica e dá a entender a compreensão e a afirmação de uma nova identidade a partir de referenciais culturais distintos dessa época, muitas histórias são fatos passados antes da separação referindo-se a episódios ocorridos em cidades, vilarejos e fazendas que viriam a fazer parte do território criado sob a designação de Mato Grosso do Sul, ocorridos em certo tempo e espaço definidos, esses fatos têm características culturais marcantes e servem como importante testemunho do período de formação e consolidação deste recente estado brasileiro.

Através da leitura dos escritores de MS constatou-se que por mais diferentes que sejam entre si, através de suas obras permaneceu a essência que simboliza o Estado de MS, o que mostra o aspecto heterogêneo que compõe a identidade e a cultura de MS. No entanto, foi apenas no final do século XX e artistas sul-mato-grossenses como Lobivar Matos começaram a receber a devida atenção dos leitores e da crítica brasileira (NETO, 2012).

Alguns dos principais trabalhos dos autores pertencentes ao estado, em memórias de Demosthenes Martins, citou que: "Nosso estado, é muito jovem em sua organização política, por outro lado é antigo no que diz respeito a seus fatos históricos" (1980, p. 5). O estado é uma das poucas regiões brasileiras que possuem uma riqueza histórica muito grande, produto de muito sofrimento e sangue derramado na conquista do território fronteiriço e repleto de relatos de bravura e abnegação (Neto, 2012).

Para Schollhammer (2000, p. 33), "[...] não existe qualquer contradição necessária entre os estudos culturais e a teoria da literatura apesar da opção aparente daqueles pelo estudo empírico da história em contraste com o discurso abstrato e conceptual desta". Para o autor (Schollhammer, 2000,

p.41), é importante a união da literatura e cultura, pois, os estudos culturais se aproximarem das “[...] complexidades da literatura abrindo possibilidades discursivas de análise adequadas à real complexidade do seu objeto de estudo”.

Atualmente, coloca-se em discussão as questões do nacionalismo bem como do regionalismo, mostrando as diferenças e desigualdades nos elementos regionais brasileiros, por exemplo, propondo uma definição das linguagens específicas para cada região. O regionalismo é identificado através de características únicas e busca sua representação através de elementos locais, ressaltando os diferentes elementos existentes que constituem individualmente cada região. (Diniz; Coelho, 2005, p. 416-417).

Existem arquivos com várias páginas escritas contando as aventuras Visconde de Taunay que acompanhado por Guia Lopes, relatou com admiração, paisagens que pareciam brotar de "formas tão caprichosas e diversas [...] como se por nele aparecesse em tempos fabulosos, perpassado o gênio fantasioso, criador, subtil, de algum arquiteto árabe" (Taunay, 1923, p. 13-14).

Paulo Sergio Nolasco dos Santos é doutor em Literatura e um dos mais respeitados pesquisadores da cultura de MS, de acordo com ele, existe um certo realismo no regionalismo pois este retrata o vestuário, a linguagem, os costumes, as paisagens e todas as formas representadas e presentes na natureza; o real pode ser abraçado pelo sujeito; o escritor se preocupa em mostrar esses fatos do cotidiano nas obras regionalistas, seu intuito é representar o real, nem que para isso seja preciso criar outras formas de linguagem, ou inventa um modo imaginado que possa fazer sentido para ele. Como resultado nasce uma obra do realismo afetivo, pois conta a vida cotidiana do local onde ocorre os fatos na obra, pois o local ocupa o lugar possível reservado para pensá-lo enquanto tal.

Nolasco (2006) cita que existe uma relação pessoal e corporal entre o sujeito e o espaço como retratada nas obras de Hélio Serejo que conta a história da gente sul-mato-grossense; um relato real e significativo com escrita e temática regional, inclusiva das lendas da erva-mate e do urutau, um legado para a literatura sul-mato-grossense, sua sensível percepção da história cultural, com etnias diferentes, com a alma de uma época e de um povo numa

região distante, registrando os modismos, regionalismos, crendices e expressões típicas da fronteira.

O espaço da ficção constitui o cenário da obra onde as personagens vivem seus sentimentos. As descrições de cidades, ruas, casas, móveis etc. funcionam como pano de fundo aos acontecimentos constituindo índices da condição social da personagem (rica ou pobre, nobre ou plebeia) e de seu estado de espírito (ambiente fechado, angústia; paisagens abertas e sensação de liberdade). A correspondência da isotopia espacial com o tema geral da obra se dá particularmente na estética do realismo que confere extrema importância às influências do ambiente na constituição da psique da personagem.

Em certas obras literárias, um indisfarçado determinismo leva a prever com exatidão quais são as ações e as reações das personagens, uma vez descrito seu espaço vital. A identidade é um produto do meio social e cultural, não é algo natural ou transcendental, mas fabricada por nós no contexto das relações culturais e sociais (SILVA, 2014)

Para algumas narrativas contemporâneas, o espaço adquire uma importância particular, pois os objetos são descritos em si, independentemente da referência a uma ação ou a uma atitude da personagem.

As obras de alguns escritores sul-mato-grossenses podem ser consideradas como obras do realismo afetivo, pois são baseadas em fatos vivenciados pelos autores, obras como *Corumbá: memórias e notícias*, de Renato Baez, *Onde cantam as seriemas*, *O sabiá*, 1975, *O Rio Botas*, 1975,, de Otavio Gonsalves Gomes, e *Camalotes e guavirais*, de Ulisses Serra, onde o autor trata do surgimento e do posterior povoamento de Campo Grande, Capital de Mato Grosso do Sul, *Contos Crioulos* (1996) de Serejo. Na afirmação de Morin (1997) “você têm a realidade humana na sua plenitude” e os escritores sul-mato-grossenses, notaram e trouxeram para suas obras a rica cultura do estado que o espaço revela.

## 2.1 RAÍZES DO PANTANAL E O REALISMO AFETIVO

Augusto César Proença é o nome literário de Augusto César Gomes da Silva. O escritor formou-se em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Cabo Frio, RJ, também é membro da Academia Brasileira de Letras, suas obras falam sobre a trajetória histórica da região pantaneira enfatizando a mistura cultural local, mas não se desvinculando da valorização da memória de seus antepassados, pois o autor é comprometido com a memória da região.

Para o autor, o pantanal é um mundo de características culturais, econômicas e sociais específicas e únicas; este literato usa a historiografia memorialista de seus antepassados para formar e identificar o pantanal e o homem pantaneiro e, ao mesmo tempo, procura dar sentido ao presente recorrendo ao passado, usa as lembranças como suporte para fortalecer e manter a identidade cultural pantaneira no presente.

Na obra *Raízes do Pantanal* (Gangas e Ganzis), Proença não cria uma obra de ficção; mas escreve uma história fiel de uma região acolhedora e ao mesmo tempo inóspita; uma das bases da história é a própria vivência do autor na região.

O escritor retrata o Pantanal em suas obras com extrema poesia, e destaca a difícil migração do homem pantaneiro em sua procura por terras secas, trazendo com ele sua família, esperando encontrar uma vida melhor. Na obra o autor destaca a visão afetiva que se multiplicou harmoniosamente na convivência do homem pantaneiro com a natureza.

O romance tem um estilo frenético de poéticas com frases curtas, fazendo uma ligação do vocábulo: “raízes” aos iniciadores indômitos da incursão humana ao território da beleza. Não obstante, a obra de Proença é original ao tratar da fuga dessa família das águas que atingem o Pantanal anualmente. Memória, ficção e história se misturam, conforme trecho que segue:

Mas onde estaria o lugar que tanto falava, se há dias briquitavam naquele alagado de léguas, vencendo macegas, corixos, baías fundas-rasas, metidos num aguadão espraiado, que cada vez mais se alargava nos passos dos bois lerdos?

Lá (apontava o poente) vamos encontrar a terra firme. Lugar onde ele trabalhou, viveu, até que os homens chegaram, invadiram, devastaram, dominaram a terra. Vamos viver sem receio do rio, das chuvas, erguer novo rancho, fazer nova roça. Sossegar.

Por causa das cobras, noite inteira, ela vigiava as crianças entre pés de acuris. Pousavam nas redes tivesse lua, dentro do carro, encolhidos, tivesse chuva ou ventasse, pois tinham medo dos bichos que rondavam o pouso. Das mandíbulas triturando coquinhos de acuris: capivaras queixadas, cachaços, caititus; das onças pintadas, andejas, que, aguçadas pelo cheiro de carne-seca, apareciam largando catingas de urros estremecidos. Bafavam pertinho das redes dos guris, dos corpos, dos meninos. Medo dos bois baguais. Das patas estalando galhos, abrindo trilhas no mato cerrado. Medo da escuridão funda. Do vento trazendo vozes, assobios, sons de almas penadas, vindo e se indo e deixando só o silêncio, comprido, que o pio agourento de um urutau agoniado quebrava, audacioso (PROENÇA, 1989, p. 12).

Esse relato corresponde à busca das personagens do romance por terra firme na alagada planície pantaneira. Para tanto, utilizaram carro de boi para chegar a um lugar conhecido por eles e que estava abandonado por causa da invasão de elementos exógenos da região.

É quase a transcrição - e transcriação da fundação, invasão e re-ocupação da fazenda Firme, propriedade do Barão de Vila Maria e núcleo da expansão pecuarista naquela parte do Pantanal, abandonada nos anos 60 do século XIX, devido à invasão dos paraguaios que ocuparam a cidade de Corumbá, pilharam as fazendas do Barão, inclusive a fazenda Firme, que teve todo seu gado roubado.

O grande agenciador do enredo é o cavaleiro. Além de ser o personagem principal da trama, o grande mentor e guia protetor da família, é o narrador principal que conta e cria o espaço imaginário do Pantanal por meio de suas experiências perceptivas e afetivas oriundas de suas lembranças e memórias.

O vaqueiro encena no romance a voz que constrói simbolicamente o espaço do Pantanal. O que sua voz conta/canta é uma resposta imediata daquilo que vivencia. Nesse sentido, é um romance bastante sensível. Vejamos:

Ocultos nas sombras umedecidas, insetos voejam,  
antecipando as chegadas dos escuros: festejam seus

zumbidos inquietos. Vaga-lumes ensaiam lanternas. Cigarras destarracham cantos impertinentes. Formigas procuram os esconderijos dos ocos, passeiam, indecisas: fabricam estradas para baixo das cascas de guatambus erados.

É o momento em que a solidão alarga os seus limites, e se aparta de receio o coração (PROENÇA, 1989, p. 14).

Neste trecho do romance, após um longo dia de caminhada fugindo da cheia das águas, o vaqueiro aponta o carro de boi para o lado onde o poente indicava e onde haveria de ter terra firme: “Lá (apontava o poente) vamos encontrar terra firme” (PROENÇA, 1989, p. 12). É a primeira noite na longa desventura que enfrentam e já se pode perceber a comunhão entre o sujeito e o espaço. É por meio de sua percepção sensitiva que percebe a solidão que os acompanha.

Imbricados nas falas e cantos do vaqueiro, há a interferências de narradores intrusos. São vozes que acentuam e acrescentam informações ao longo do romance. Essas vozes são reforçadas pela organização do romance. Dividido em vinte partes, é uma narrativa construída em retratos.

Essa divisão acompanha o passo-a-passo da família que se movimenta ao longo da história. Saem de seu local de origem e vão em busca de outro espaço para aportarem. É uma configuração bastante próxima a de *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, a mesma configuração familiar de um pai, uma mãe, os filhos e os animais que se veem obrigados a deixar seu lugar por condições e imposições do espaço; São fragmentos que se colam à medida que a narrativa se desenvolve.

É um romance de pouco diálogo sendo a memória o principal elemento de configuração narrativa que garante a recriação do espaço. Por isso pensamos na configuração de um realismo afetivo. Vejamos um dos poucos momentos em que os personagens falam: “E vendo o homem sorrir, a mulher também se reanima: ‘Arre, já é hora de botar o arroz no fogo, abrir o sapiquá de matula, fazer o feijão’” (PROENÇA, 1989, p. 21).

A fala da mulher, personagem sem nome, é construída a partir de traços característicos da cultura do pantaneiro. A fala sempre é representada pelas



aspas e a presença de elementos como o sapiquá, a matula, reforçam a fala coloquial do espaço literário que se cria.

Outra característica importante de *Raízes do Pantanal*, que nos leva a pensar no realismo afetivo, é a configuração da terra como um ente vivo. Acrescentaríamos, como um personagem que divide espaço com o vaqueiro. Note o seguinte trecho:

Pois a ingratidão da terra estava naquelas bacias fundas, sem recortes de morros, sem alturas para onde pudessem fugir quando os rios subissem. Estava na traição das cabeceiras, das águas que desciam emprenhando corpos de rios, desbarrancando margens, dizimando gado, riquezas, trazendo dúvidas. Desespero de não se saber o destino que viria. E, não fosse a fé brotando de cada corpo, certo que sucumbiriam como as reses indefesas, aquelas magras carcaças de pulmões enfraquecidas que, olhando o céu de olhar embaçado, estrebuchavam, focinhando o pouco de ar que ainda restava (PROENÇA, 1989, p. 18).

O modo como a narrativa se reporta à terra opera, no romance, a tensão e o embate entre homem e terra. A “ingratidão”, “traição”, “dúvida”. São sentimentos que pertencem ao universo humano. Há uma relação em que a vida de um está condicionado à vida do outro. Nesse caso, o homem perde sua configuração e a sua constituição de sujeito e passa a viver sob as penalidades da terra.

O que ainda mantém o homem enquanto homem é apenas sua capacidade de reinventar a vida por meio da memória, de resto, vive “arremedando jeito de bicho andar” (PROENÇA, 1989, p. 22). A narrativa mostra o confinamento do homem em sua terra, seus contrastes e sua complementaridade. Devido essa relação contrastante entre homem e terra, a simbiose entre ambos é que ocorre a luta. A terra é um elemento crucial, fixo, que assegura a cultura de um povo, que detém todas as crenças, ligações à língua, enfim, todos os elementos culturais de uma determinada sociedade.

No caso de *Raízes do Pantanal*, é importante ressaltar as peculiaridades da terra. Embora o espaço literário que figura no romance seja o Pantanal, há uma tensão posta já no título da obra que nos abre para o debate: porque

*raízes*, no plural? Se o espaço no qual o romance se constrói é um só, há um conflito em raízes.

Esse debate se vale da complexidade da formação do Pantanal. Esta complexidade favorece as diversidades da região, por isso, para os nativos, fala-se em “pantanais”:

[...] as diversidades da região permite o reconhecimento, pelos nativos, de vários pantanais, assim denominados, popularmente: Pantanal do Aquidauana, do Miranda, do Rio Negro, do Tabaco, de Nhecolândia, do Abobral, do Jacadigo, do Tereré, do Nabileque, do Paraguai, do Paiaguás, etc. (NOGUEIRA, 2002, p. 26).

É importante ressaltar que entre os nativos não há confusão entre os vários pantanais, pois os reconhecem e os nomeiam a partir dos rios que banham cada região. A influência das águas é um elemento essencial na formação e integração do homem e da natureza. Daí o motivo do deslocamento do vaqueiro, personagem principal, em busca de terra firme. No Pantanal, a relação entre homem e natureza, embora harmônica, é um tanto desleal com o homem, pois “o homem sempre se viu ofuscado pela exuberância da flora e da fauna, pela riqueza da pecuária, pela importâncias das águas” (NOGUEIRA, 2002, p. 30).

Nesse ponto lembremos os versos de “Mundo Renovado”: “No pantanal ninguém pode passar a régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o pantanal não tem limites” (BARROS, 1990, p. 237). Nesse espaço sem limites transita os personagens do romance construindo a narrativa pela relação entre narrador e espaço.

Há um momento em que as águas sossegam. Vão baixando, cada dia mais alguns centímetros, vazam para deixar o mimoso verdejar nas campinas, brotar viçoso na terra, e permitir que as famílias voltem para junto do rio, dos peixes, reconstruam os ranchos, as roças, e esperem o gadinho minguado se multiplicar: e olhem o céu, cada dia, cada noite, assustadas com os gritos de todas as aves que anunciam os outros anos de seca (PROENÇA, 1989, p. 71).

Neste trecho do romance, já anunciando o desfecho, é possível notar a representação do real. A voz do narrador acentua o movimento das águas ressaltado pela oposição com a seca, como uma coisa vai dando lugar a outra. O momento em que as águas sossegam, abre-se o “mundo renovado” do qual fala o eu-lírico do poema de Manoel de Barros e, nesse momento, o homem se restabelece, reconstrói sua morada.

Em outro momento, quando os rios voltarem a encher, haverá novamente a mudança, o deslocamento do homem. Marcado pelo encadeamento narrativo que já sugere o trânsito constante da obra notamos que, por meio das lembranças do narrador, constrói-se uma configuração do real que foge da tradição da representação. À luz das discussões de Karl E. Schollhammer, os modelos de espacialidades de *Raízes do Pantanal* enquadram-se em uma tradição de literatura que se vale do “realismo afetivo” para construir esteticamente uma obra que não apenas descreve o espaço, mas ressignifica, por meio dos processos narrativos, o espaço literário criado.

O autor cria uma identidade pantaneira realizando uma produção que transforma componentes da memória, especialmente a familiar, em artefatos expansíveis na direção de outros grupos. E ao realizar esse trabalho – de escrever sobre questões pertinentes à memória de familiares -, Proença reconfigura a memória pessoal e a herdada em um artefato narrativo resultando numa compreensão do fenômeno de memória construída. (POLLAK, 1992, p.207).

Considera-se assim que a obra “Raízes do Pantanal” é regionalista, pois faz uma narrativa da região, no caso o Pantanal, a terra, o homem e seus hábitos e costumes, faz do local um elemento participativo da história e não apenas como um cenário. O autor destaca a afetividade na obra falando da terra e do homem da região, idealizando uma realidade brasileira e explorando as tradições do interior sul-mato-grossense.

Os personagens da história são obrigados a repensar, devido as cheias da região, se continuam a viver no espaço que ocupavam. Mas é forçado a procurar um lugar para ficarem do período das cheias do pantanal. Esse fato mostra um pouco como é a vida nômade do homem pantaneiro mostrando a separação temporal e espacial. Proença separa a estruturação da

obra utilizando um método simples rompendo uma sequência temporal de relações entre causa e consequência.

A narrativa é ambientada no Pantanal Sul-Mato-Grossense, uma região marcada por muita chuva, e utiliza um discurso livre híbrido, para que a obra fique mais autêntica, uma forma simples e fácil de narrativa, uma técnica primitiva de contar, sem nenhuma sofisticação. A cronologia temporal valoriza a narrativa e faz com que as angústias dos personagens fiquem mais próximas do leitor, que as compreende com muito mais intensidade.

A representatividade da obra está no homem pantaneiro que, apesar das adversidades, domina o ambiente na sua função de vaqueiro, tocando o gado junto com a sua família, em busca de terra seca, sempre tendo sua esperança renovada quando cessam as chuvas e sente orgulho de sua profissão. Para Proença é fácil criar histórias da realidade da vida rural pantaneira, pois ele escuta as histórias, lendas e tradições que povoam a imaginação popular, contadas pelos moradores da região; o autor escreve seus romances com tudo que vê e sente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta monografia foram apresentados temas que seriam descritos no decorrer da mesma, como os principais autores e obras do realismo na literatura, em relação as características afetivas foram pontuadas neste trabalho as características que denotaram a experiência o esteticismo de modo a demonstrar a literatura realista, foram expostos os conceitos que resultaram em debate acerca da concepção dos tipos de realismo literário, em especial o afetivo, que se tornou capaz de descrever problemas sociais e/ou conceituar culturas pilares da história do Brasil, na qual a utilizada foi com caráter regionalista.

Com a análise do romance, *Raízes do pantanal*, notou-se a grandiosidade do autor Augusto César Proença, ao relatar através da memória as aventuras e desventura de uma família pantaneira em busca de terra firme. Sendo assim, a presente monografia buscou analisar dentro da obra *Raízes do pantanal*, como o autor retrata o realismo afetivo, dentro da obra. Concluiu através desta monografia que, mesmo após se pensar no esgotamento deste conceito, o realismo reaparece com força na literatura contemporânea. Mostrou-se a construção do realismo afetivo através da memória do narrador e o espaço em que vive.

## Referências

ALENCAR, José de. **O Gaúcho**. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

\_\_\_\_\_. **O Sertanejo**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ANDRADE, M. **A Missão de Pesquisas Folclóricas**. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sescihotsitesimissaotindex.html>>. Acesso em: 10 de Junho de 2018.

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1990.

\_\_\_\_\_. Comentário. In: PROENÇA, Augusto Cesar. *Raízes do Pantanal*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. p. 9

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007a. 95p.

BOSI, Alfredo. **A Literatura Brasileira**. v. 5 – O Pré-modernismo. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

\_\_\_\_\_. **História concisa da Literatura Brasileira**. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRAIT, Beth. Guimarães Rosa (Literatura Comentada). São Paulo: Abril Educação, 1982.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. In: *Aletria*. V. 15, jan.-jun. 2007, p. 207-220.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria J. Olympio, 1969.

\_\_\_\_\_. **Manifesto Regionalista**. 7. Ed. Recife: Fundajy/Massangana, 1996. Disponível em: <<http://w-wwufrgs.bricdromffreyre/freyre.pdf>>. Acesso em: Acesso em: 10 de Junho de 2018.

KAIMOTI, Ana Paula M. Cartapatti. Douglas Diegues: Las fronteras siguen incontrolables". In: SANTOS, Paulo Sérgio N. dos; GÓIS, Marcos Lucio de S. (Org.). **Literatura e Linguística: práticas de interculturalidade no Mato Grosso do Sul**. Dourados: Editora UFGD, 2009.

LINS, José Pereira. Hélio serejo. **Sublime poema!** Dourados, MS: Franquini & Santini Ltda., 1996.

\_\_\_\_\_. **O sol dos ervais – Exaltação à obra literária de Hélio Serejo**. Dourados: Editora Dinâmica, 2002.

MARIN, Jéri Roberto. **Hibridismo cultural na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia**. In: ABDALA-JUNIOR, Benjamin ; SCARPELLI, M. Fantini. (Org.) Portos flutuantes – Trânsitos ibero-afro-americanos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p. 325-342.

MOLITERNO, Carlos. Comentário. In: PROENÇA, Augusto Cesar. *Raízes do Pantanal*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. p. 9.

MOREIRAS, Alberto. A globalidade negativa e o regionalismo crítico. In: MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença : A política dos Estudos Culturais latino-americano*. Belo Horizonte:UFMG, 2001.

MORENO, Naiara Alberti. **O coronel e o lobisomem nas veredas da literatura regionalista brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **REGIONALISMO E LITERATURA SUL-MATO-GROSSENSE NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI**. ano II - número 05 - Teresina - Piauí - abril maio junho 2010

NOGUEIRA, Albana Xavier. *Pantanal: homem e cultura*. Campo Grande: UFMS, 2002.

NOLASCO, Edgar César. **Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?** Revista Raído. Dourados, v.2 nº 3, p.65-76. Jan./jun. 2008.

ORTIZ, R. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo: Postura e Método**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dezembro 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4119/3120>>. Acesso em: 10 de out. 2018.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROENÇA, A. C. **Raízes do Pantanal; cangas e canzis**. Brasília/Belo Horizonte: INL/Itatiaia, 1989. 81p.

PROENÇA, A. C. **Raízes do Pantanal; cangas e canzis**. Brasília/Belo Horizonte: INL/Itatiaia, 1989. In: Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. 2005. Disponível em: <<http://acletrasms.org.br/revistas/Revista%207.pdf>>. Acesso em: 22 de out. 2018.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Paris: Le Fabrique-Éditions, 2000.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **REGIONALISMO E LITERATURA SUL-MATO-GROSSENSE NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI**. ano II - número 05 - Teresina - Piauí - abril maio junho 2010

SCHNEIDER, A.L. **Silvio Romero: um hermeneuta do Brail**. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHOLLHARMER, K. E. Realismo afetivo: evocar realismo para além da representação. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n.39, jan./jun. 2012, p. 129-148.



SEREJO, H. **Obras completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul / Editora Gibim, 2008, 9 volumes.

\_\_\_\_\_. **Contos crioulos**. Campo Grande: EditoraUFMS, 1996

SUASSUNA, A. **Auto da Compadecida**. São Paulo: Agir, 2005.

ZUCON, Otávio; BRAGA, Geslline Giovana. **Introdução às Culturas Populares no Brasil**. Curitiba: Intersaberes, 2013